APPORELLY

PONTAS DE CIGARROS

(2ª EDIÇÃO)

Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Rafael de Cuenca

13/X/28.

Del libro de Francisco Cuman

Galfredo

Godofredo Francisco Cuman

APPORELLY

— Da Academia de... Medicina —

Pontas de cigarros

LIVRO DE VERSOS DIVERSOS

LIVRARIA AMERICANA
Andradas, 411
Porto Alegre
J. O. RENTZSCH & C.ª

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas do O GLOBO

1925

Golfredo Francisco Cuman

A' minha memoria, que está
ficando um pouco atrophiada.

Golfredo Francisco Cuman

"Os moços de hoje são a patria de amanhã; os filhos d'esses moços a patria de depois d'amanhã."

"Si queres viver, desperta e... vae tomar café."

"Muito soffre quem padece."

AVISO

Ante a crítica barata
De gente rasteira e chata,
Não me intimido nem fujo.

E juro, por Deus, que grimpo,
Si, á minha entrada no *Olimpo*,
Alguem me gritar: *"O' sujo!"*

PREFACIO

DEUS, quando formou o homem — ha quem affirme que foi o homem quem fez Deus — creou uma obra incompleta: esqueceu-se de collocar no bolso do primeiro anthropoide alguns pares de contos de réis.

D'ahi surgiu essa lucta continua, essa combatividade incessante, para a manutenção do protoplasma, que é a base physica da vida.

Lançando (sem vomitorios) á luz da publicidade estas "Pontas de cigarros", não espero, como, em geral, esperam os autores, a immortalidade. Eu já sou immortal por natureza: não posso morrer... não tenho onde cahir morto...

O que almejo é justamente o contrario: quero desimmortalisar-me.

Porque, afinal, o que é a Gloria, nesta terra infeliz? A Gloria... a Gloria... é um arrabalde, onde qualquer protozoario da arte póde passear a sua festejada incompetencia, mediante a modica importancia de duzentos réis para a passagem do bonde.

Desimmortalisando-me, isto é, conseguindo o necessario para adquirir sete palmos de terra ou sete leguas, mesmo que seja, para poder morrer descançado, deixando aos meus porvindouros o que os meus antepassados não me legaram, estarei satisfeito.

Conseguirei o que desejo, si estas "Pontas de cigarros" não queimarem os labios sensiveis dos senhores criticos e si forem bem acolhidas no cinzeiro da opinião publica.

Em caso de successo, o autor reserva-se o direito de montar uma tabacaria.

Porto Alegre — 1916.

APPORELLY

MENU

I PARTE

ESPADAS DE DOUS GUMES

II PARTE

COBRAS E LAGARTOS

III PARTE

SALADA DE FRUCTAS

GOLFREDO CUMAN
PORTO ALEGRE - R.G. do Sul

I PARTE

ESPADAS DE DOUS GUMES

DESESPERO

Minha amada — uma perola sem jaça —
Já declarou, perante o mundo inteiro,
Que só se casará (ai ! que desgraça !)
Com um homem de juizo e de dinheiro.

O que será de mim ? Por mais que faça
O fado ingrato que me ver solteiro.
Sinto fugir-me o sonho alviçareiro
De me casar e perpetuar a raça.

Juizo ? — Bem sei não tenho, que estou louco,
Pela ingrata, que me enche de feitiço,
Com o estranho fulgor dos olhos mysticos.

Dinheiro ? — Trinta contos... E' bem pouco...
Não chegam para nada... e além disso
Os meus contos são contos.. humoristicos...

O PEDIDO

Já por diversas vezes tenho tido
Vontade de pedir-te em casamento.
E, estou certo, vou ser bem recebido
Pelos teus, em geral contentamento.

Coragem não me falta. Acanhamento
E' um senhor, para mim, desconhecido.
Bem vês, meu doce amor, que esse pedido
Só depende, portanto, do momento.

O que, porém, me abate e desanima
E' uma suspeita atroz, desesperada,
De que vamos passar fome canina.

Pois, si a crise bater, a desgraçada,
Eu fingindo Pierrot — tu Colombina,
Teremos que viver de *palha assada*.

Sólyes de Carvalho

DERRETIDO

Que calor, santo Deus ! A gente súa,
Por quantos poros tem para suar.
O sol malvado, que no céo fluctúa,
Parece e creio que nos quer torrar.

Mas não quero saber si ha sol na rua...
Eu prometti... eu prometti passar
E hei de vel-a, custe o que custar,
Que um homem de palavra não recúa.

40 gráos ! Em ponto algum ha sombra.
Esse calor, comtudo, não me assombra,
Que tenho o peito em fogo convertido.

Mas, si ella surge ou vem me vêr passar
E sobre mim dardeja o seu olhar,
Então, sim ! fico todo *derretido*...

A VER NAVIOS

No porto, á tarde, passo horas ideaes,
Vendo a entrada e a sahida dos vapores
E ouvindo os altos gritos infernaes,
Dos marujos e o ruido dos motores.

Mas, além disso, mora em frente aos caes,
Uma menina, linda como as flores,
Dona duns lindos olhos tentadores,
Olhos tão bellos que não têm iguaes.

Si chove ou venta, a angelica donzella,
Talvez seguindo um paternal conselho,
Não deita o rosto fora da janella.

E é por isso que nestes dias frios,
Batendo o queixo e de nariz vermelho,
Eu passo a tarde inteira a *vêr navios*.

CARTA BRANCA

Pobre de mim ! que, em vão, ancioso, espero
Noticias de meu bem, que está distante.
O meu amor augmenta a cada instante
E cada vez me torno mais sincero.

Por ser assim, bondoso e tolerante,
Assim me paga o quanto bem lhe quero.
Talvez si eu fosse um pouco mais severo,
Seria ella mais meiga, mais constante.

E ha tanta moça aqui nesta cidade...
E eu tão triste, curtindo esta saudade,
Que o pranto dos meus olhos não se estanca.

Si a desalmada, ao menos, me mandasse
Uma cartinha, p'ra seccar-me a face...
Si me mandasse, ao menos, *carta branca*...

JUVENTUDE ESTUDIOSA

O tufão das paixões na juventude
Em nosso ser um fogo estranho ateia.
Qualquer olhar suspeito nos enleia,
Qualquer sorriso arisco nos illude.

A nossa alma, robusta na virtude,
Vive de sonhos e chimeras cheia.
O sangue nos borbulha em cada veia,
Em borbotões de força e de saude.

Mas agora, nesta época de estudo,
Devemos abafar, antes de tudo,
Este fogo nas folhas d'um compendio.

Pois não convem passar pelo vaxame,
De vermos os *bombeiros*, num exame,
A extinguir com suas *bombas* este incendio.

MILITARISMOS

Não sou militarista. Sou contrario
A todos os mortaes que envergam farda.
Esse fero regimen da espingarda
Converte o homem bom em sanguinario.

E' um modo de pensar. Não sei se é mau.
Mas certo é que me não levam fallas.
Detesto a carabina. Odeio as *balas*,
Exceptuando as de guaco ou mel de pau.

Sempre, em todas as phases da existencia,
Esteja eu bem feliz ou descontente,
Sempre, o militarismo impertinente
Exerce sobre mim a sua influencia.

Eu devo *militar*, para viver...
Em nada me protege a sorte dura...
Como estudante, em fim, para vencer,
Eu tenho que tratar da *formatura*.

Como moço, que sou, amei, um dia...
Cantavam passarinhos pelos ramos...
Encontrei-a. Fallei-lhe de poesia...
Fuzilei-lhe um olhar e... nos amamos.

Procurei esquecel-a, mas em vão.
Em vão, tentei varrel-a da memoria.
P'ra não ferir meu proprio coração,
Eu não quiz dar um *tiro* nessa historia.

E tornei-me prisioneiro da mais bella,
Da mais encantadora das mulheres,
Mas a sogra, que está de *sentinella*,
Não consente que faça o *pé de alferes*.

A guerra declarou-se... Mas, si acaso,
Depois de tantas luctas, afinal,
Eu não chegar a ser noivo *official*,
(Palavra d'honra !) levo tudo *raso*.

O ACCUSADO

O réu está abatido. E o promotor,
Ao tomar a palavra, diz que aquella ave
Está accusada d'um crime muito grave
E é necessario punil-a com rigor.

Logo depois, o advogado da defeza
Levanta-se, tosse, cospe para o lado
E, dando um socco violento sobre a mesa,
Supplica ao jury a soltura do accusado.

O réu, commovido, adoece de repente...
Todos os presentes tapam o nariz,
Porque a atmosphera fica um tanto impura.

O medico legista examina o doente
E declara *in fidei gradi* ao senhor juiz
Que aquillo é de facto, um caso de *soltura*.

O ILLUSTRE ENFERMO

O Pancracio enfermou. O que é aquillo
Que elle sente, ninguem sabe explicar.
Chora a familia. Guarda-se sigillo,
Para o resto do povo não chorar.

Vem o doutor e diz: "Fique tranquillo!
Não se assuste, que vou já receitar:
Fulminato de sodio: — meio kilo,
Quatro colheres antes do jantar".

Com a formula grandiosa do doutor,
O bom Pancracio transferiu o enterro,
Pois já está bom e, de contente, pula.

Por esse facto, que acabei de expor,
Eu deduzo, com logica de ferro,
Que um doutor não é burro si *formula*.

MICROBIO DA PINDAHYBA

(Ariadococcus promptiferus p'indahybensis)

A mais desastrada doença, que conheço,
(Não sei si alguem de vós conhece outra peor)
E' uma doença da qual muito doutor
Padece em silencio, mais do que eu padeço.

Pindahyba, promptidão ou quebradeira,
Eis os nomes pela qual é conhecida
Essa enfermidade que entristece a vida,
Localisada no cofre ou na algibeira.

Descobri, pela experiencia e por estudos,
Que esse estado pathologico é causado,
Por uns terriveis microbios cabelludos.

O infeccionado procure exterminal-os,
Devendo sempre tomar muito cuidado ,
Que a doença se complica com os *calos*.

A POLITICA

Não sei porque tu queres me prohibir
Que em politica metta o meu bedelho.
Perdôa, mas não posso consentir,
Que tu me venhas dar um tal conselho.

A politica é a causa do progresso
De todas as nações civilisadas.
O que a deprime e avilta é o excesso
De perseguições torpes e infundadas.

O meu amor, portanto, não se zangue.
O ser politico, isso está em meu sangue...
Não me vás, só por isso, deixar só...

Pois, gostando de ti desta maneira,
Serei um dia, mesmo que não queira,
Politicamente, neto de tua avó...

PRESENTE DE ANNO BOM

Neste ruidoso dia, em que começa
Um novo anno, eu venho, reverente,
Pedir de tua bondade um bom presente,
Que um premio mau não é cousa que se peça.

Quero um presente bom (desculpa-me essa
Exigencia atrevida e impertinente)
Um presente dos outros differente,
Que eu não possa esquecel-o tão depressa.

Nada te custa o mimo desejado,
Mas deve ser assim sincero e puro,
Como este grande amor puro e sincero.

Renovando as promessas do passado,
Promettendo cumpril-as no futuro,
Podes dar-me um *presente* como quero...

COMPROMETTIDO

Esta paixão recolhida,
Que de novo veio a furo,
Estragou-me toda a vida,
Anarchisou-me o futuro.

Tive fortuna e um nome...
Agora não tenho nada!
Tudo o que tinha roubou-me
Essa mulher, essa fada...

Tenho o peito em polvorosa!
Preso ao rochedo da dor,
Eu sou um novo Prometheu!

Que futuro côr-de-rosa!
Que futuro encantador,
Pafuncia *comprometteu!*

PERDEU

Eu tinha uma pequena (já crescida)
Que eu não podia desejar mais bella.
Era ella que alegrava a minha vida,
Era eu que alegrava a vida d'ella.

Mas um dia chegou ao nosso porto
Uma galera, cheia de aspirantes,
E o meu prestigio, em breve, ficou morto
Ou, pelo menos, não era como antes.

Deixou-me... Deixei-a... Os candidatos
Eram dous aspirantes e a cobarde
Esses dous namorou d'uma só vez.

Foi-se a galera... Foram-se os ingratos...
Ella tentou voltar, mas era tarde:
A recompensa foi perder os tres...

RÉO D'AMOR

Sou réo d'amôr. Confesso o meu peccado,
Porém não me arrependo d'esse crime,
Que amar alguem e ser tambem amado
E' o crime mais gostoso, mais sublime.

A confissão, por certo, não redime
A quem quer continuar a ser culpado.
E si fôr, por acaso, condemnado,
Não é razão pela qual eu desanime.

Pelo contrario. Altivo, embora fique
Meu coração partido em mil pedaços,
Eu quero que a justiça se pratique.

Sou réo de amôr e julgo-me indefeso!
Peço justiça! Entrego-me a teus braços
E ternamente quero ficar preso!

A RENDIÇÃO DA PRAÇA

O forte está sitiado. Um flanco avança,
Fazendo-lhe temiveis investidas.
Logo depois uma carga de lança.
A metralha e as balas ceifam vidas.

O bravo commandante não se cança
Mas, ao vêr as paredes já fendidas,
Perde o ultimo raio de esperança,
De retomar as posições perdidas.

O forte já está fraco... E o inimigo,
Percebendo que o forte está em perigo,
Volta á carga com força redobrada.

Rendem-se, em fim, os ultimos, feridos,
E (facto extraordinario!) entre os rendidos
Não ha sequer uma hernia estrangulada.

II PARTE

COBRAS E LAGARTOS

PROPOSTA

Um rapaz serio, esplendido estudante,
Já cançado da vida de solteiro,
Considerando a crise apavorante,
Quer casar-se com moça de dinheiro.

Esse rapaz sou eu... Quero primeiro
Vêr vil metal e vêr papel "sonante"...
Depois... detalhes á posta restante,
Pois não tenho confiança no carteiro.

Um casamento assim é um jugo brando...
Prisão perpetua, que, de quando em quando,
Póde acceitar uma ordem de "habeas-corpus".

Si a deidade é *de idade* já avançada,
Tenho uma condição estipulada:
— União de bens, separação de corpos.

JURAMENTO

Juro, por Deus, por tudo que é sagrado
E pela santa luz que me illumina,
Que teu olhar me deixa transtornado
E, ao mesmo tempo, me fere e me fulmina.

Por causa d'esse olhar enfeitiçado,
Pelo feitiço da sua luz divina,
Nem Deus, que tudo vê, não imagina,
Por quantas privações tenho passado.

Basta de dôr! Já chega o que hei soffrido!
Serás minha, aconteça o que aconteça,
Porque não será em vão que te contemplo.

Mas se não fôr por ti correspondido,
Juro que metto um tiro na cabeça,
Na cabeça... d'um prego, por exemplo.

TRAGEDIA

Eram dois entes que o amor um dia,
Com ternos laços, solidos, ligou.
Elle — de coração a estremecia;
Ella — jamais por outro suspirou.

Viveriam elles numa paz eterna,
Se um dia não surgisse grossa briga.
A sogra foi metter-se na baderna
E levou uma facada na barriga.

A rapariga ao vêr a sua mãe morta
Espichada no chão, de bocca torta,
Cahiu tambem, de lagrimas coberta...

E o pobre do rapaz, allucinado,
Atirou-se do alto do sobrado,
Deixando a sogra e... a janella aberta...

CUIDADO

A mutua sympathia, que nos liga,
Não deveria temer nenhum trahidor.
Mas bem comprehendo, minha doce amiga
Que é preciso occultar o nosso amôr.

Não quer isto dizer que não prosiga
A te amar, cada vez com mais ardor.
Mas... alguem nos vigia e alguma intriga
Pode toldar o céu, todo fulgor.

Evitemos, portanto, de nos vêr.
Nós sabemos o quanto nos amamos,
A minha vida é tua, a tua é minha.

Paciencia, pois, que havemos de vencer!
Por emquanto, sómente, precisamos
Muita cautella e... caldo de gallinha.

MALCREADA

Essa joven que vês — um anjo louro —
Já foi o alvo do meu sincero affecto.
Morava com a avó, o mais completo
Modelo de mulher, talhado em ouro.

Mas a avosinha achava um desaforo
A perspectiva d'um futuro neto.
Por isso mesmo, nem por um decreto,
Queria consentir no tal namoro.

Quando me via, a avó lhe perguntava:
"Quem é aquelle rapaz impertinente,
Que anda contando as lages da calçada?"

E ella, séria, pois nada a perturbava,
Respondia com cara de innocente:
"Esse rapaz é o noivo da creada!..."

MEU FRACK

No guarda-roupa eu tenho um bello frack,
Meu traje predilecto de passeio.
Quando de tarde o visto, até receio
Que a minha namorada se embasbaque.

Quando me quero dar certo destaque,
Vae aos bailes commigo e não faz feio.
Amigo da miseria, resgatei-o
Duas vezes que foi ao bric- a´brac.

Um frack assim no mundo igual não ha!
Parece novo, pois ninguem dirá,
Que já cincoenta invernos completou.

Esse meu frack fica-me tão justo,
Que quando o visto, eu mesmo, ás vezes, custo,
Acreditar que foi do meu avô...

MEU LEITO

Naquelle canto escuro está meu leito,
Cama de vento, um colchão pegado...
E' nessa pobre cama que me deito,
Quando venho da rua fatigado.

E' nessa mesma cama que hei sonhado
Muito sonho d'amôr, que está desfeito...
D'uma feita sonhei que fui eleito
Senador, mas não sei por qual Estado.

Muito embora não tenha travesseiro,
O sangue não me sobe... nem me desce,
Circulando em seus rithmicos harpejos.

Passaria deitado o dia inteiro,
Si essa cama de vento não tivesse
Tantas pulgas e tantos percevejos...

INCONTENTADO

Apenas um olhar, pedi-lhe um dia,
Para acalmar meu coração no peito.
Mil olhares, assim como queria,
Recebi-os, que olhares não rejeito.

Depois, pedi um sorriso... E ella sorria,
Duma maneira tal, d'um certo geito,
Que, apezar de sorrir como eu pedia,
Não me achava, comtudo, satisfeito.

Depois pedi-lhe um beijo... (convencido
Que ella fosse negar) mas a immoral
Permittiu que a beijasse em plena face.

Outras cousas pedi. E, aborrecido,
Por não me ter negado, eu, afinal,
Pedi, por Deus, que nunca mais me olhasse.

SONHO DOURADO

Si eu fosse rico, casaria comtigo...
Na certa, que a proposta acceitarias...
E te juro que em mim encontrarias
Marido fiel e dedicado amigo.

Depois, juntos, iriamos viajar...
Não na Europa, que lá tu não me vias.
Mas podiamos fazer todos os dias
Uma volta no bonde circular.

O mundo todo morreria de inveja.
Sózinhos ficariamos na vida,
Passeando sempre de vestidos novos.

Mas eu sou pobre qual ratão de igreja...
Consola-te commigo, pois, querida,
Porque a homem põe e... o diabo come os ovos...

O EXEMPLO DO CALVARIO

A terra entoa as maldições e os brados,
Dum modo vil, sacrilego e iracundo,
Contra o manso Cordeiro moribundo,
Rodeado de mil anjos contristados.

E o bom Jesus, de braços estirados,
Ainda quer abraçar o ingrato mundo,
Que contra Elle se atira furibundo,
Qual bando cego de animaes irados.

E o Deus, que expulsa os vendilhões do Templo,
Que faz e que acontece e préga o Bem,
Morre, legando ao mundo, um grande exemplo.

E é por isto, senhores, é por isto,
Que quem anda no mundo e observa bem,
Ainda encontra no mundo muito Christo.

TEU OLHAR

Deixa beber na luz do teu olhar,
A inspiração para fazer meus versos.
Não te importes... Deixa o povo fallar...
O mundo é assim... Os homens são perversos.

Mas que tens, hoje? Que te fiz, querida?
Não me trates assim, não sejas má.
Deixa beber a luz appetecida...
Revira bem os olhos para cá.

Ah! Teu olhar tem algo de sublime,
Que não vejo no resto das mulheres
E que a palavra do homem não exprime.

Por esse olhar, passado de ternura,
Dou um dente, meu bem, e, si quizeres,
Sou capaz de dar toda a dentadura...

DIVIDA

Paga-se amôr com amôr,
Diz o proloquio plebeu.
Pergunto-te, agora, ó flor,
Quando é que pagas o meu?

Não pódes amortizar
Esta divida sagrada?
Dá-me um sorriso, um olhar,
Depois não quero mais nada...

Ouço dizer por ahi
Que tens alma chrystalina,
E que possues muitos dotes.

Não fica bem para ti,
Que és linda e "rica" menina
Andar passando calotes.

AMOR CONFLAGRADO

Foi essa deusa homicida,
Que decidiu minha sorte.
O seu olhar deu-me a vida,
O seu desdem deu-me a morte.

Amo-a, com amôr profundo,
Como se fosse uma irmã.
Mas sou Guilherme Segundo,
Que não conquista Verdun.

A Pafuncia só quer vêr-me
Envolto numa mortalha
E eu nunca nada lhe fiz.

Eu sou o Kaiser Guilherme,
Que ha muito tempo batalha
E não conquista Paris.

BRIGUEI COM ELLA!

Essa que vêdes, de vestido azul,
De olhos castanhos e cabellos pretos,
Foi a virgem ideal dos meus affectos,
A mais linda deidade aqui do sul.

Eu era bem feliz! Nenhum lamento
Tambem da minha amada não se ouvia.
Minha ex-futura sogra protegia
O namoro que ia dando em casamento.

Numa risonha e explendida manhã,
Fui visital-a. D'ante mão já ia
Gozando a sensação d'um beijo morno.

Encontrei-a, reclinada num divan,
Toda poetica, mas perdi a poesia:
Ella estava tirando pão do forno...

III PARTE

SALADA DE FRUCTAS

A ITALIA

"A Italia declarou guerra a
Allemanha."

(Telegramma urgente)

Cada dia, depois que rebentou
A grande guerra, vinha lá do Rio
Um telegramma assim: "A Italia entrou"
E logo um outro: "Entrou... mas já sahiu..."

O telegrapho, assim, ha longos mezes,
Trazia em sobresalto os reservistas
E, sem saber, a Italia dos artistas
Metteu-se no conflicto varias vezes.

Infelizmente, ao que consta, esse boato
Agora transformou-se em triste facto,
Pois já a Italia faz parte da campanha.

E os sapateiros todos vão brigar,
Porque o Kaiser á força quer levar
Todo o *couro da Russia* p'ra a Allemanha...

O INVERNO

Eu gosto do inverno. O frio faz bem.
E eu sinto-me feliz: o inverno ahi vem,
Com noites frias... rigidas nortadas....

As bellas folhas verdes cahem do galho
E as rozinhas, por falta de agasalho,
Tombam da haste, com as petalas geladas.

E, si eu gosto do inverno, é só por isso:
A natureza despe o que é postiço,
Para mostrar-se aos homens tal qual é.

Os elegantes, não! Gostam da estica:
Emfiam polainas, luvas de pellica,
E andam na rua de cabeça em pé!

E eil-os com cylindricos chapeus,
De pello de castôr, bradando aos ceus,
Distribuindo entre moças barretadas.

E, por baixo do bello sobretudo,
De botões grandes e golla de velludo:
— Casacos velhos, calças avariadas...

UM MATCH DE FOOT-BALL

O dia estava lindo. Havia gente em penca.
O juiz apitou e começou a encrenca.

Nossa Senhora! Mas que charivari!
Tanta correria assim eu nunca vi.

Um jogador feroz, deu com o pé na bola
Que foi bater, bem certeira, na cartola

D'um cidadão que não contava com essa
De ver amaçada a tampa da... cabeça...

E a louca multidão, bruta e malcreada,
Vaiou a um bom chefe de familia honrada.

Outro cahiu por terra. Deu-lhe vaia o povo.
Levantou-se fulo, mas cahiu de novo.

Parecia aquillo, em meu pensar profundo,
Vinte e duas furias, perseguindo o mundo.

E, depois da hora e meia de combate,
O juiz apitou .O jogo estava empate.

AMOR ANATOMICO

Desde o dia em que quiz a sorte avessa,
Que meu olhar com o d'ella se encontrasse,
Não ha uma hora do dia que não passe
Com sua imagem divina na cabeça.

Mil vezes meu olhar nunca encontrasse
O olhar fatal d'essa mulher travessa.
Criei cabellos brancos e depressa
Terei pés de gallinha pela face.

Sempre sorrindo me olha de relance.
Mas, embora não me olhasse, o certo é
Que aquella figurinha de romance,

De tal fórma deixou-me o coração,
Que, continuando as cousas neste pé,
Breve, mui breve, vou pedir-lhe a mão.

A FACADA

(JURY FUTURISTA)

Drama em 1 acto... de generosidade.

PERSONAGENS:

Um individuo com botinas muito grandes: o Guedes.
Outro individuo com o queixo descommunal: o Queixoso.

Scena unica

GUEDES

Diga, senhor, si é verdade
Que foi em plena cidade,
Por um sujeito aggredido?

QUEIXOSO

Recebi, como lhe digo,
A facada d'um amigo
E estava desprevenido.

GUEDES

A justiça inexoravel
Vae punir o miseravel
Que, hontem, quasi o matou.

QUEIXOSO

Punil-o? Não paga a pena...
A facada foi pequena
E assim mesmo não sangrou...

O Guedes cahe das nuvens. Felizmente não se pisa na quéda. O panno tambem cahe.

D. QUITERIA

D. Quiteria, senhora quarentona,
Respeitavel matrona,
(Justiça se lhe faça!)
Era uma rara perola preciosa.

* * *

Mas... são "raras" as perolas sem jaça...
A senhora Quiteria,
Senhora tão virtuosa,
Tão circumspecta e seria,
Conversava pelas tripas do Judas.

* * *

Essa historia de sempre andar fallando,
E' um defeito bem grave que se nota
Em todas as senhoras, exceptuando
As infelizes que nasceram mudas.
Qualquer uma derrota,
E' facto indiscutivel,
O mais loquaz e ardente deputado.

A Quiteria, porém, era terrivel!
Nunca teve, por certo, essa mulher
O appendice lingual enferrujado.
Era "prima inter pares!"
Dava um dente (dos poucos que ainda tinha),
Para armar um escandalo qualquer.

* * *

Uma historia curtinha,
Sem dares nem tomares,
A Quiteria esticava, fazia gestos,
E, revirando os parpados modestos,
Afinava a garganta, dando assim
Um certo colorido ás narrações.
Sabia algumas phrases em latim
E quando vinham visital-a em casa
Pessoas graúdas, não perdia vasa
De fazer citações,
Sem nexo algum, de phrases estrangeiras.

* * *

Um bello dia, penetrou na sala
Um rapaz de sympathicas maneiras,
Que vinha visital-a.
Era o João Cazanova
Que chegava a bem pouco de Paris,
Onde fôra estudar
Os segredos d'alguma sciencia nova.
De lá, porém, voltou sem enxergar
Um palmo sequer deante do nariz.

Nada custou á Quiteria apparecer
Toda empódearrozada.
Logo a conversa principiou animada.
(A lingua da Quiteria não descança)
D'uma feita querendo ella dizer
Que seu marido foi "podre de rico"
(Narro sômente factos, não debico)
Para mostrar, talvez
Que sem ter ido á França,
Sabia tambem um pouco de francez,
Exclamou convencida: "Mon mari
Etait poudre de riz".

PERDÃO !

Perdão! Perdão! Nair
Eu não devo mentir!

Podia dizer-te que te amo ainda.
Mas nosso amor, essa illusão tão linda,
E' para nós um bello sonho extincto.

Mas que fazer? Eu sinto
Um immenso desgosto em te deixar.
O nosso amor é um pinto
Que falleceu na casca, sem piar.
Não posso continuar
A ser alvo do teu amor funesto!

Esquece-te de mim! Eu sou tão feio,
Tão sem modos, tão tolo e tão... modesto...

Não penses, por ventura, que te odeio!
Quero, pois, que saibas o motivo,
Que vem justificar esta attitude
De me mostrar a teu amor esquivo.

Si sou para comtigo assim tão rude
Não me negues ao menos a virtude
De ser homem leal e verdadeiro.

Não quero que me venhas com intrigas,
Pois sou sincero e gosto de ser franco.
Nem quero que mais tarde tu me digas
Que eu tive proceder de rato-branco.

Amo outra ! Suspiro o dia inteiro,
Passo as noites inteiras a escrever,
Extrahindo do fundo do tinteiro
Rimas chorosas, versos tão sentidos,
Bem capazes até de enternecer
Os duros corações empedernidos.

Si, por acaso, durmo, vejo em sonhos
A casta deusa ideal de meus amores
E accordo a soltar berros medonhos,
Apertando e mordendo os cobertores!

Sinto por ella uma paixão violenta.
Não sei dizer si é um anjo que me attráe
Ou si é um fero demonio que me tenta!
Mas o caso é que o filho do meu pae
Encontra-se ferido, gravemente,
Em pleno coração!

Nair! Nair! Perdão!
Perdão! Perdão! Nair!

O amôr, infelizmente,
E' explendido negocio,
Mas não permitte socio,
Sob pena de fallir.

TENTATIVA DE SUICIDIO

I

Si d'um ideal poder fosse dotado,
De poder renovar o meu passado;
De amanhecer o dia que escurece;
De dar a seiva á planta, que fenece,
E á flor, que murcha, chlorophylla e viço;
Eu, si essa força divinal tivesse,
Era muito capaz de fazer isso!

Pois me lembro, saudoso, d'esses dias,
D'esses dias felizes que lá vão,
Tão repletos e cheios d'alegrias,
Que até sinto apertar-me o coração.

Hoje, não! Cada dia que se passa
E' um dia infeliz, um dia de desgraça.

Cheio de decepções e desenganos,
Sinto-me velho, tendo vinte annos.

II

Foi numa noite de neurasthenia,
N'um daquelles momentos de demencia,
Que, garanto, não sei o que fazia,
Mas eu sei que tentei contra a existencia.

Não se riam, porque o negocio é sério,
Eu quasi fui parar no cemiterio!

A terra estava escura. O céo bem baço!
Ouvia gemer no indefinido espaço

Corpos sem alma e almas sem amôr,
Falando ás trévas, que fugiam de horror.

Estava triste! Ouvia sem cessar
Espiritos maus, fallando pelo ar!

Noite canalha! Estava co'a macaca!
Não me contive. Fui até o armario,
E, assumindo um aspecto funerario,
Tirei d'entre os talheres uma faca.

Um mosquito, tristonho, nesse instante,
Passou por mim, zumbindo, soluçante!

Coitadinho! Fiquei com pena. O pobre.
Ia sentir falta do meu sangue nobre.

Cheio de raiva e de coragem tanta
Levei a faca a altura da garganta!

Meu Deus do céo! A morte estava perto.
Eu vi na frente um sepulchro aberto!

Senti tambem que andavam pelos
Ares, brigando, os meus cabellos!

Lembrei-me da minha vida... me lembrei de tudo...
Senti frio... Me lembrei do sobretudo!...

Mas pensei sobre o caso e tive medo.
E disse: "Rapaz, deixa de brinquedo!

Tu és ainda muito moço!
Tira essa faca do pescoço!

Olha. Pensa bem!
A vida é esta:
Hoje tem festa,
Amanhã não tem!

Hoje si algo existe,
Que te deixa triste,

Âmanhã uma aurora bem feliz
Se desdobra deante o teu nariz!
Reflecte, pois. Vê a patria que te espera:
Si faltares, a patria desespera!"

III

Eu sou patriota e amo a patria minha.
Fingi puxar uma espada da bainha
E, depois, em solemne continencia,
Perante a terra amada brazileira,
Eu prometti que, nem por brincadeira,
Ia outra vez tentar contra a existencia.

20.000

p/ Dr. Rudlin -
ale Sr Stefan -
SP

A sahir:

"Amendoim torrado"

2435